



ALUMNI

Revista da Associação dos Antigos Alunos
de Direito da UFRJ

LINHAGENS EUROPÉIAS DO CONSERVADORISMO BRASILEIRO DO SÉCULO XIX

EUROPEAN LINES OF 19TH CENTURY BRAZILIAN CONSERVATORISM

Marcelo Barbosa da Silva¹

RESUMO: O presente artigo enumera – em linhas gerais - as três grandes matrizes de influência externa do conservadorismo brasileiro em seu processo de gênese, durante o século XIX, momento em que essa ideologia exerceu grande impacto sobre a cultura, a política e o pensamento social do país, conformando uma corrente de opinião de centro-direita em atuação até hoje, época na qual se vê confundida, por vezes (e imerecidamente), com a franja reacionária alojada em áreas da sociedade e do Estado. O texto revisita a ascendência da religiosidade católica, com sua âncora na escolástica medieval, de tanta importância na vida das ideias em Portugal e na Colônia; prossegue enfocando a repercussão da cultura parlamentar inglesa na formação do *ethos* de parte ponderável do patronato político brasileiro e; por fim, traça uma panorama resumido da recepção do ecletismo filosófico francês por parte de nossas elites culturais, na quadra do Segundo Reinado. Para pontuar essa trajetória se acham mobilizadas - no interior do texto – remissões a Edmond Burke, Thomas Babington Macauley, Silvio Romero, Antonio Candido, Terry Eagleton, Maria Orlanda Pinassi e Antonio Paim, entre outros autores sintonizados ou mesmo críticos, em relação à perspectiva conservadora, no presente e no passado.

PALAVRAS-CHAVE: Conservadorismo, Ideologia, Literatura, História, Política.

ABSTRACT: This article lists - in general terms - the three main matrices of external influence of Brazilian conservatism in its genesis process, during the 19th century, when this ideology had a great impact on culture, politics and social thought of the country, shaping a current of centre-right opinion in operation until today, a time in which it is confused, at times (and undeservedly), with the reactionary fringe lodged in areas of society and the State. The text revisits the ascendancy of Catholic religiosity, with its anchor in medieval scholasticism,

¹ Advogado, doutor em Literatura Comparada pela UERJ e autor de *Esquerda e Projeto de Nação* (Algo a Dizer)

of such importance in the life of ideas in Portugal and in the Colony; continues to focus on the repercussions of English parliamentary culture in the formation of the ethos of a considerable part of Brazilian political patronage and; finally, it draws a summarized panorama of the reception of the French philosophical eclecticism by our cultural elites, in the Second Reign square. To punctuate this trajectory, references to Edmond Burke, Thomas Babington Macauley, Silvio Romero, Antonio Candido, Terry Eagleton, Maria Orlanda Pinassi and Antonio Paim, among other attuned authors or even critics, in relation to the perspective are mobilized within the text. conservative, in the present and in the past.

KEYWORDS: Conservatism, Ideology, Literature, History, Politics.

1. INTRODUÇÃO

Evento complexo e multifacetado, a formação do conservadorismo no Brasil apresenta influências – principalmente as externas – de difícil rastreamento pelos procedimentos da história cultural e literária. Especialmente no que diz respeito à hierarquia de importância dos fenômenos. Isto é, como distinguir os fatores de maior relevância da ação dos aspectos apenas acessórios? De que maneira separar as instâncias do “episódico” daquelas do “estrutural”? Ou ainda, como discernir o que é “endógeno” daquilo que é “exógeno” em nosso pensamento social, em meio ao século XIX? Isso apenas para mencionar três dificuldades associadas a outras tantas. Porém, mesmo diante desses contratempos e nada obstante os riscos envolvidos neste tipo de levantamento, creio que não estarei incorrendo em equívoco ao incluir, entre as linhagens fundadoras das ideologias² conservadoras, em nosso país, a presença de três processos constituintes: 1) a forte presença da religiosidade católica; 2) a emulação da cultura parlamentar inglesa e ; 3) importação da filosofia eclética francesa, temas muito afins ao fenômeno literário, conforme será visto. Começemos, assim, recuando no tempo até o período dos chamados “descobrimientos” e sua repercussão sobre o complexo colonial do qual o Brasil fez parte.

2. A FORTE PRESENÇA DA RELIGIOSIDADE CATÓLICA

²Para o conceito de ideologia com base em Volosinov ver WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. 1 ed. tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p. 61.

Em Portugal, cabe a ressalva, a mística do apego ao passado – em parte decorrente de processos de precocidade na definição de uma identidade nacional, pioneira ao Sul da Europa – assumiu personificações particulares. Não foi encarnada pela aristocracia agrária, em declínio desde o aparecimento da Dinastia de Avis (1383). Em Terras do *Luso*, a tarefa de encenar o papel de guardião das tradições recaiu sobre um estrato administrativo e militar³, agressivamente expropriador das rendas da antiga nobreza de sangue e, simultaneamente, usurpador do mandato comercial da proto-burguesia financeira, de origem judaica, a partir do século XVI. Fortalecida pelos privilégios obtidos junto à Coroa, em especial, o monopólio das rotas de importação e exportação, essa camada colocou-se firmemente a favor da expansão por terra e das grandes navegações, deixando para a velha aristocracia a preocupação com as ameaças de despovoamento do interior da Lusitânia e dos riscos inerentes às iniciativas semelhantes à tomada de Ceuta e do “descobrimento” do caminho marítimo para as Índias Ocidentais, por Vasco da Gama.

No Canto IV, de *Os Lusíadas*, o mal-estar dos nobres encontra tradução em linguagem poética. Na passagem, o personagem do Velho do Restelo, se inclina, literalmente, a “ver navios”, nas praias do Continente – pessimista e inconformado - num símbolo das resistências à política de Estado conduzida por uma coalizão de forças empenhadas em impulsionar a marcha mercantilista:

Deixas criar às portas o inimigo
Por ires buscar outro tão longe,
Por quem se despovoe o reino antigo,
Se enfraqueça e se vá deitando a longe!
Buscar o incerto e incógnito perigo,
Por que a fama te exalte e lisonje,
Chamando-te senhor, com larga cópia,
Da Índia, Pérsia, Arábia e Etiópia!⁴

Desde que evitado o exclusivismo de ponto de vista, tem se mostrado produtivas – é preciso reconhecer - as abordagens de história literária voltadas para a tentativa de conciliar a análise das formas artísticas das obras com a reconstituição dos contornos da vida social onde tiveram origem. Especialmente, quando respeitadas as autonomias entre essas duas instâncias, o social e o estético. Creio mesmo que criações no feitio de um *Os Lusíadas* – exemplo

³SARAIVA, Antonio José; LOPES, Oscar. *História da Literatura Portuguesa*. 17 ed. Porto: Porto Editora, 2006, P.170

⁴CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. 3 ed. São Paulo: Martin Claret, 2011.

insuperável da épica do quinhentismo português – permitem o acesso a uma dimensão de diálogo (nunca de antagonismo), entre a *ficção* e a mimese, criação e realidade. As potências da imaginação, filtradas pelo engenho artístico de um Camões, no caso, nos capacitam a tomar contato com o real, mas não aquele das investigações proporcionadas pelas ciências sociais, voltadas para a produção de um conhecimento dito positivo. Trata-se de um real artístico capaz de denunciar a inadequação de certas categorias de análise, sem nenhum lastro na movimentação concreta dos sujeitos históricos. Digo isso a propósito de certas construções, visivelmente mecânicas, que empobrecem o debate sobre a categoria marxista de formação social.⁵

Em qual tipologia podemos incluir Portugal na quadra aberta com ascensão ao trono do D. João I (1385)? Nenhuma das mencionadas das mencionadas na vulgata⁶, ao certo. O que a leitura d’*Os Lusíadas* faz transparecer, com sua exaltação à “Coroa”, aos “navegadores”, aos “doutores” da ciência náutica, ao “baronato” de títulos concedidos e não herdados, sugere coisa diversa. Ao que parece, desnuda uma estrutura social *sui generis*: a da aristocracia congenitamente fraca, quase a ponto de dar razão a Alexandre Herculano⁷ quando dizia que “Portugal não conheceu o feudalismo”; e da servidão pouco fixada no campo, uma arráia-miúda, militarmente ativa nas revoltas internas e na resistência às invasões leonesas (Espanha). Dito de outra forma, reside no Estado e não na Sociedade, o *locus* no qual será possível buscar a racionalidade destinada explicar a singularidade portuguesa.

Confrontada com as particularidades do desenvolvimento histórico do país ibérico, a ciência social dividiu-se em diversas teorias: para uma parte dos estudiosos, no período correspondente à vigência do Sistema Colonial, Portugal ainda exibia traços de natureza feudal⁸ em suas relações sociais (Nelson Werneck Sodré). Em sentido oposto, há os que entendem⁹ caracterizada uma transição ao capitalismo por conta do forte impulso mercantil e financeiro então observado em sua atividade econômica (A.J Saraiva, Oscar Lopes, Antonio Sergio, Sergio Bagú, Azevedo Amaral). Merece ser mencionada, de igual maneira, a posição

⁵SROUR, Robert Henry. *Modos de Produção: Elementos da Problemática*. São Paulo: Graal, 1978, p.129.

⁶KONDER, Leandro. *A Derrota da Dialética*, Rio de Janeiro: Campus, 1988, p. 38.

⁷Alexandre Herculano citado por SODRÉ, Nelson Werneck. *Formação Histórica do Brasil*. 14 ed. Rio de Janeiro: Graphia, 2004, p.53.

⁸Para uma caracterização do feudalismo em Portugal ver SODRÉ, Nelson Werneck. *Formação Histórica do Brasil*. 14 ed. Rio de Janeiro: Graphia, 2004, p.51.

⁹Para a lista de autores que defendem a tese de que Portugal, no período colonial, já se encontrava estabelecido sobre forma de um modo de produção capitalista ver *ibidem*, p. 53.

de Raymundo Faoro¹⁰, ao incorporar a categoria weberiana de patrimonialismo ao debate. Por esta ótica, estaríamos diante de uma variante de capitalismo, porém articulada a partir do interior do próprio Estado, sem a interveniência de uma classe burguesa propriamente dita, mas sim de um *estamento* burocrático. Questão apenas incidental ao nosso objeto de pesquisa, não cabe aqui neste espaço aprofundar a controvérsia sobre o caráter das relações sociais em Portugal. Apenas uma observação se faz necessária: a reivindicação de um transplante de instituições feudais ou patrimonialistas para o Brasil, território desde sempre lançado na órbita escravista, apresenta forte conotação problemática.

Polêmicas à parte, o que remanesce de toda essa discussão diz respeito ao arranjo pouco usual entre camadas mercantis e administrativas, de um lado, e o Estado Português, de outro. Combinação apenas cumulada de êxito por força de um terceiro (e decisivo) elemento: o apoio da Santa Sé. O preço desse apoio? A onipresença do fenômeno religioso em todos os nexos da sociedade portuguesa, incluída a produção estética¹¹.

Assim como as demais linguagens artísticas, a literatura também não escapou à tal linha de força: do gótico ao maneirismo; do barroco à arcádia; do classicismo ao romantismo - e sempre aportando nomes de grande significação - as letras portuguesas se distinguiram por sua numerosa produção de autores vinculados à prosa doutrinal religiosa¹². Vieira, Incluído. Sem dúvida um reforço, de grande efetividade, à disseminação dos valores da contrarreforma, em tudo opostos ao pensamento de Calvino e demais precursores da ética burguesa.

Presente em todos os nexos da sociedade letrada portuguesa, a cultura confessional preservou a escolástica como filosofia oficial mesmo quando outras modalidades de pensamento laico já empolgavam a maioria das nações do “Mundo Europeu”, a partir do século XVI¹³. De forma rigorosa, a publicação de livros e a difusão do ensino observaram as orientações emanadas da Igreja. Apesar da aplicação desses mecanismos de controle – ao qual se somou a inquisição do Santo Ofício – as instituições culturais como a Universidade de Coimbra não deixaram de sofrer o contágio de complexos ideológicos como o humanismo renascentista e, posteriormente, das Luzes¹⁴(em versões de alcance e intensidade atenuadas, é

¹⁰FAORO, Raymundo. *Os Donos do Poder*, Formação do Patronato Político Brasileiro. 3 edição. Rio de Janeiro: Globo, 2001, p. 40.

¹¹Sobre a influência da religião em Portugal, durante o período das colônias, ver SARAIVA, Antonio José; LOPES, Oscar. *História da Literatura Portuguesa*. 17 ed. Porto: Porto Editora, 2006, p.409.

¹²Sobre a prosa doutrinal religiosa ver Ibidem, p. 409.

¹³Para uma apreciação da escolástica como filosofia oficial ver PAIM, Antonio. *História das Ideias Filosóficas no Brasil*. São Paulo: Grijalbo, 1967, p.27.

¹⁴Sobre o contágio do humanismo renascentista e das Luzes em Portugal, ver ibidem, p. 37.

de se reconhecer, tal qual sugere a edição do iluminismo pombalino). A fugacidade desses episódios os revela exceções num quadro cultural marcado pela onipresença religiosa, tanto na metrópole quanto nas colônias. Padrão apenas interrompido, com estrépito, na eclosão do levante liberal, do Porto, em 1820.

3. A EMULAÇÃO DA CULTURA POLÍTICA INGLESA

Estuário de diversos afluentes, o Conservadorismo Brasileiro absorveu e – integrou - na sua matriz, como não poderia ser diferente, a contribuição do elemento português colonizador, principalmente a vida de idéias conformada a uma moldura religiosa. Porém, com o tempo, principalmente após a autonomia de 1822, outras influências vieram a se somar. Nessa etapa, a elites políticas locais emularam, por boa parte do século XIX, a cultura política parlamentar inglesa como resposta ao jacobinismo francês (idéias cultivadas por elementos tidos por radicais como Frei Caneca).

Interessados em estabilizar as instituições brasileiras após a agitação do período das regências, as correntes moderadas, compostas por liberais e conservadores (um patronato político quase indiscernível, à época) recorreram à leitura de um sem número de autores e estadistas britânicos: Macaulay, Erksine May, Charles Grey, Henry Brougham, entre outros¹⁵. Em nenhum destes, a orientação conservadora se apresenta tão nítida quanto na obra de Edmond Burke (1729-1797).

Advogado, escritor, filósofo, mas acima de tudo um teórico político, o autor das *Reflexões sobre a Revolução na França*, nasceu em Dublin, na Irlanda e, aos 47 anos, tornou-se membro da Câmara dos Comuns, em Londres, pelo partido *Whig*¹⁶. Opôs-se ao iluminismo francês e seu produto correlato, a revolução de 1789, manifestando especial aversão ao *terror*

¹⁵Para a influência da cultura parlamentar inglesa, notadamente sobre a reflexão de José de Alencar, ver LYNCH, Christian Edward Cyril. O Caleidoscópio Conservador: A Presença de Edmund Burke no Brasil. In: KIRK, Russel, *Edmund Burke*, Redescobrimo um Gênio. 1 ed. Tradução Marcia Xavier Brito. São Paulo: É Realizações, 2016, p.497.

¹⁶Para uma linha de informação sobre o partido *Whig* inglês ver RAMIRO JUNIOR, Luis Carlos. O que há de Tory no Conservadorismo Brasileiro do Século XIX? Em Busca de um Paralelo entre Conservadorismo Tory Inglês e a Atuação do Partido Conservador no Brasil. *Revista Ciência Política* <WWW.cienciapolitica.org.br/system/files/documentos/eventos/2017/04> Acesso em 17 ago 2017.

de Robespierre. Em economia, professou princípios liberais de defesa da livre mercado e da abolição de barreiras alfandegárias ao comércio internacional. Denunciou excessos do poder colonial inglês na Índia e colocou-se a favor da revolução Americana de 1776, de quem foi importante interlocutor¹⁷. Dada a visível coerência entre os elementos biográficos e as concepções defendidas por Burke, surge a oportunidade de observar, quase *in vitro* (e ao momento de sua gênese) o momento da consolidação dos princípios do conservadorismo enquanto ideologia política, o primeiro entre os quais, a nostalgia de um tempo anterior aos antagonismos assentes à chamada modernidade.

“A desgraça dessa época foi que tudo se tornava objeto de discussão, como se a constituição do nosso país tivesse que ser sempre um assunto para alterações e não para o bem viver”¹⁸. O trecho transcrito serve de prova do quanto a dissonância de vozes destinada a conferir o caráter conflitivo à democracia, causam apreensão em conservadores. De igual maneira, a fala denuncia a presença de outro *pathos*: o da nostalgia pela perda do mundo anterior à agudização das tensões de classe. Perdendo o sono após o acontecimento – material e simbólico - da tomada da Bastilha, o setor mais esclarecido da elite inglesa (mais presente entre os *whigs* que nos *Tories*¹⁹) percebe, com pesar, a inutilidade de qualquer o esforço de fazer girar, ao contrário, os ponteiros do relógio da história. Inspirado em Burke, parte importante do *establishment* britânico se dá conta da necessidade, de propor um programa de mudanças políticas e econômicas, desde que essa última exclua a ruptura e seja (após o esvaziamento de seu potencial de contestação), gradualmente absorvida pela sociedade, com um mínimo de choque e traumas. Em outras palavras: “um Estado onde não se pode mudar nada não tem meios de se conservar”²⁰.

Percorrendo o caminho da afirmação do estabelecido, o ideário burkeano realiza uma parada obrigatória pelos domínios da estética. Um desvio inesperado? Até certo ponto, sim. Afinal o conhecimento organizado sobre política, em plena era setecentista, de Kant a Rousseau, relega a segundo plano – nas vezes em que considerado – o complexo de emoções,

¹⁷Para informações biográficas sobre Burke, ver KIRK, Russel, *Edmund Burke*, Redescobrimo um Gênio. 1 ed. Tradução Marcia Xavier Brito. São Paulo: É Realizações, 2016.

¹⁸BURKE, Edmond citado por Eagleton, Terry. *A Ideologia da Estética*, tradução de Mauro Sá Rego Costa, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, p.38.

¹⁹Para uma linha de informação sobre o partido Tory inglês ver RAMIRO JUNIOR, Luis Carlos. O que há de Tory no Conservadorismo Brasileiro do Século XIX? Em Busca de um Paralelo entre Conservadorismo Tory Inglês e a Atuação do Partido Conservador no Brasil. *Revista Ciência Política* <WWW.cienciapolitica.org.br/system/files/documentos/eventos/2017/04> Acesso em 17 ago 2017.

²⁰BURKE, Edmund. *Reflexões sobre a Revolução Francesa*. 1 ed. tradução de Renato Asumpção Faria, Denis de Souza Pinto e Carmem Lidia Richter Ribeiro Moura. Brasília: Universidade de Brasília, 1982. p.61.

sentimentos ou ainda gosto envolvido nas disputas pelo poder. Tal prioridade se vê concedida à razão, fundamento das relações entre Estado e Sociedade, na perspectiva dos iluministas. Burke inverterá essa ordem de importância. Sua investigação vai atribuir à categoria do costume a função de “cimento” sobre o qual se assenta toda a ordem societária, mais que imposta, consentida. Noutras palavras, para captar a particularidade do Estado burguês Moderno, Burke evita a fórmula hobbesiana violência + Coerção = lei²¹ e repousa a obediência dos governados sobre a junção beleza + imitação = costume²². Terry Eagleton vê, nessa receita, a antevisão do conceito de hegemonia em Gramsci. Concordando ou não com essa afirmativa do crítico marxista inglês, somos obrigados, no mínimo, a aquiescer ante a sua assertiva de que para Burke o que “dá coesão à sociedade é o fenômeno estético da mimese”²³. Nesse quadro, o costume, ou no próprio jargão burkeano, as “maneiras”, asseguram o funcionamento da sociedade, de maneira harmônica, evitando o conflito e ruptura, pois:

(...) são mais importantes que as leis. Sobre elas em grande medida, repousam as leis. A lei nos toca, mas aqui e ali, uma vez outra. As maneiras são o que nos vexa ou consola, corrompe ou purifica, exalta ou diminui; nos torna mais um refinados... Elas dão toda a forma e a cor a nossas vidas. De acordo com sua qualidade, elas se somam a nossos valores morais, suprem-lhes do necessário, ou os destroem totalmente²⁴.

Amparado na prática da imitação, ferramenta encarregada de distinguir - e apontar - os comportamentos necessários à preservação do convívio entre indivíduos, o sistema político preconizado por Burke se completa ao incorporar - em sentido instrumental - uma concepção de beleza como qualidade social, isto é, fruição do agradável aos sentidos e sentimentos, numa experiência compartilhada em coletividade, visando a produção de consenso :

Não tenho lembrança de que algo de belo, seja homem, animal, pássaro, planta, tenha sido mostrado até para cem pessoas e que eles não tenham concordado imediatamente sobre a sua beleza²⁵(...)

Nada obstante o engenho da proposição, o sistema apresenta problemas visíveis ao próprio autor. Com o objetivo de superar tais dificuldades, Burke promove reparos em seu constructo.

²¹GRUPPI, Luciano. *Tudo Começou com Maquiavel*. tradução de Dario Canale. Porto Alegre: LPM, 1983, p.12.

²²EAGLETON, Terry. *A Ideologia da Estética*, tradução de Mauro Sá Rego Costa, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, p.48.

²³*Ibidem*, p.45.

²⁴BURKE, Edmond citado por Eagleton, Terry. *A Ideologia da Estética*, tradução de Mauro Sá Rego Costa, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, p.37.

²⁵*Ibidem*, p.44.

O mais expressivo entre os quais, o seu reconhecimento dos limites do processo mimético: “Embora a imitação seja um dos maiores instrumentos da Providência²⁶ (...) se os homens se entregassem a ela, cada um seguindo o outro, e isso num eterno círculo, é fácil constatar que não haveria aperfeiçoamento entre eles”²⁷. Na perspectiva de solucionar essa dificuldade, o escritor irá lançar mão de um conceito central na arquitetura do seu pensamento, a noção de sublime.

Fator de elevação da alma e incluída por Kant na órbita do “grandioso, temível e nobre”²⁸, a categoria do sublime, no gradiente burkeano, se vê mobilizada num sentido específico: o de possibilitar o revigoramento das virtudes morais do sujeito em ascensão na paisagem social do século XVIII. Ante o perigo da beleza e a *imitatio* tornarem-se sinônimo de estagnação, assoma a necessidade de tomar de empréstimo valores do *ancien regime*, da aristocracia em declínio, pela (então) nova camada aspirante ao domínio estatal e ideológico. Em destaque, nessa apropriação de características, avulta²⁹ “(...) um sentido de ambição e de satisfação a partir da contemplação de sua excelência sobre os outros em algo considerado por todos como valoroso”³⁰. Viril por certo, o sublime burkeano – quase um código medieval sem as regras da liça - não dispensa a colaboração da sensibilidade extraída do feminino, desde que em posição subalterna.

Tal junção de esforços visa produzir, ainda segundo Eagleton, a conciliação entre a autoridade (simbolizada no respeito à figura do pai) e o afeto (atribuído ao amor materno), ambos coordenados pela mediação denominada, pelo autor, “parcialidade feminina”³¹. Uma ambição de equilibrar a lei e o costume, numa dimensão material esimbólica:

A autoridade de um pai, tão útil a nosso bem-estar, e tão justamente venerável, acima de qualquer cálculo, impede-nos de ter aquele amor inteiro por ele, como temos por nossa mãe, em que a autoridade parental, está quase dissolvida na doçura e indulgência maternais³² (...).

Acentuadamente misógino, o sublime em Burke, causou celeuma, um verdadeiro mal-estar “de gênero”, externado muitos decênios antes da criação da psicanálise ou ainda do

²⁶*Ibidem*, p.45.

²⁷*Ibidem*, p.45.

²⁸Para o sublime em Kant, ver BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de Filosofia*. 1. ed. tradução de Desidério Murcho e *et al.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 370.

²⁹BURKE, Edmond citado por Eagleton, Terry. *A Ideologia da Estética*, tradução de Mauro Sá Rego Costa, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, p.45.

³⁰*Ibidem*, p.47.

³¹*Ibidem*, p.46.

³²*Ibidem*, p.46.

aparecimento do feminismo. A indignação atingiu os brios das contemporâneas do autor, entre as quais, Mary Wollstonecraft³³. Para a escritora britânica, mãe da romancista Mary Shelley, separar amor e respeito, nos termos de Burke, opondo as esferas da verdade (pretensamente identificadas no homem) e da beleza (associadas à mulher), excluiria essas últimas de qualquer dimensão moral, isolando a pretensão à virtude, ao mundo masculino. Uma proposição, por certo, inaceitável, mas ainda muito corrente em nossos dias. Pelo que se pode observar, os atritos entre conservadorismo e feminismo – visíveis na atualidade - talvez exibam uma origem mais afastada no tempo e mais radicalmente inconciliável do que possamos supor.

4. A IMPORTAÇÃO DO ECLETISMO FILOSÓFICO FRANCÊS

Examinando o debate político em curso no Brasil, por todo o percurso do século XIX, até o advento da República, serão avistadas poucas manifestações desse conservadorismo, digamos assim, burkeano, em sua expressão concentrada. Constituirá mais uma inspiração de alguns de nossos homens públicos, difusa mas poderosa. Muito lido, o legado do estadista irlandês ilumina a reflexão – nem sempre a prática - de nomes como Silva Lisboa, José de Alencar, Rui Barbosa e Joaquim Nabuco, para não falar do personagem imortalizado nas páginas de *Um Estadista do Império: o Senador Nabuco de Araújo*³⁴. Por certo, uma galeria de notáveis, dotada de eloquência e intelecto, mas de influência incomparavelmente inferior à de agrupamentos mais voltados para a solução de questões práticas, nas quais a política se confunde com a administração, nos moldes da “junta do coice”, encabeçada pelo ministro Eusébio de Queirós³⁵, esteio do partido da ordem, sob o reinado de Pedro II.

Preferência de pequenos círculos, sem condições de circulação ampla no Brasil, a proposta responsável pela edição do oximoro “conservador – liberal” cumprirá o mesmo ritual de

³³Sobre a indignação de Mary Wollstonecraft ver EAGLETON, Terry. *A Ideologia da Estética*, tradução de Mauro Sá Rego Costa, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, p.47.

³⁴LYNCH, Christian Edward Cyril. O Caleidoscópio Conservador: A Presença de Edmund Burke no Brasil. In: KIRK, Russel, *Edmund Burke*, Redescobrimo um Gênio. 1 ed. Tradução Marcia Xavier Brito. São Paulo: É Realizações, 2016, p.483.

³⁵A respeito da “Junta do Coice” do Senador Eusébio de Queirós, ver CALDEIRA, Jorge. *Mauá*, Empresário do Império. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 308.

assimilação -e diluição da substância original - das representações mentais geradas na Grã-Bretanha, no período: a passagem por um “pedágio” de idéias sediado no continente europeu, em especial, na França. Processo descrito, com realismo, por Macaulay:

A literatura francesa foi para a Inglaterra o que Aarão foi para Moisés. As grandes descobertas na física, metafísica e política, pertencem aos ingleses; nenhum povo porém, exceto o francês, recebeu-as diretamente da Inglaterra. Para isso esta era muito isolada pela sua posição e seus costumes. A França tornou-se pois a intérprete entre a Inglaterra e a Humanidade.³⁶

Na travessia do Canal da Mancha, o Conservadorismo Burkeano aporta em terras francesas, exibindo afinidades com pelo menos duas escolas de pensamento. A mais expressiva entre as quais, a obra de Toqueville. Uma contribuição, sem paralelo, na evolução do pensamento político, reivindicada não apenas por setores de direita e centro, mas também por áreas moderadas da esquerda. Infelizmente, para os objetivos perseguidos neste estudo, o pensamento do autor francês apresenta menos atrativo. A razão é simples: a ausência de uma identidade conservadora tão nítida quanto a de Burke. De fato, repletas de nuances, as concepções políticas em Toqueville³⁷, nada obstante fixadas sobre temas como a crítica do princípio da soberania popular e a crença na ação de minorias esclarecidas capazes de afastar a democracia da atração de extremos, findam por ir além das questões formuladas por seu êmulo irlandês, concentradas na oposição ao programa jacobino. Devido a essas aberturas, a leitura do autor de *A Democracia na América* será preterida, neste espaço, em proveito de autores de menor repercussão, porém portadores uma filiação mais saliente à ideologias Conservadoras conforme é o caso dos nomes da escola do ecletismo espiritualista francês.

Dominando absoluto, por várias décadas da primeira metade do século XIX, a produção de idéias na França, o ecletismo obteve inevitável repercussão em jovens nações como o Brasil pós-independência. Mais do que uma doutrina, assumiu características de diretriz de Estado. Por conta da influência de seus adeptos, princípios como a disseminação da escola pública e gratuita³⁸ tornaram-se marca registrada de uma nova postura civilizatória das elites francesas após as tempestades políticas que conduziram à Monarquia de Junho (1830). Além do ensino fundamental, outros importantes braços dos organismos culturais da pátria de Hugo

³⁶MACAULAY, Thomas citado por MERCADANTE, Paulo. *A Consciência Conservadora no Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972, p. 95.

³⁷TOQUEVILLE, Alexis de Toqueville, *O Antigo Regime e a Revolução*. 2 ed. Ivonne Jean. Brasília: Universidade de Brasília, 1979.

³⁸PINASSI, Maria Orlanda. *Da Miséria Ideológica à Crise do Capital*, uma Reconciliação História. São Paulo: Boitempo, 2009, p. 119.

observaram uma orientação obtida junto a Victor Cousin e seus adeptos, caso da Academia Francesa e de várias cátedras da Sorbonne³⁹. De todas essas instituições, interessa mais de perto o IHP (Instituto Histórico de Paris), agência de discussão dos temas da cultura e da ciência, modelo presumível para a fundação do nosso Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), presidido pelo Cônego Januário da Cunha Barbosa⁴⁰. Na França, as atividades do IHP foram freqüentadas por importantes intelectuais nativos, entre os quais Michelet, Lamartine, Saint - Hilaire até estrangeiros, como Frederic Chopin. Participaram, igualmente, das reuniões do IHP, figuras como Gonçalves de Magalhães, Porto Alegre e Torres Homem, não por coincidência o trio de redatores da Revista *Niterói*, marco fundador de todo o movimento de renovação literária – e porque não dizer, cultural – em curso na extensa quadra aberta com a instalação do Segundo Reinado Brasileiro.⁴¹

Menos sistematizador de uma vertente filosófica e mais o mentor de um verdadeiro apostolado a que a intelectualidade brasileira aderiu, com entusiasmo, Victor Cousin, hoje em dia, ocupa um pé –de-página na história das idéias. Em vida, no entanto, foi objeto de idolatria. A sombra de sua influência projetou-se sobre todo ambiente intelectual de seu tempo. Cultor de uma abordagem buscada em Hegel, a partir da leitura particularíssima feita por Royer-Collard⁴², Cousin elaborou um sistema no qual a filosofia em si sê vê confundida com a própria história da filosofia. A tese central de seu método – compartilhada por Maine de Biran⁴³- pressupõe a suspensão de qualquer juízo de valor – favorável ou desfavorável – das proposições que compõe o desenvolvimento especulativo do Ocidente, inclusive Materialismo e Idealismo, todas conducentes a aporias, a seu ver, se abordadas isoladamente. Razão pelo qual, o Ecletismo, em última análise, consistiria numa forma de crítica capaz de, por meio do conhecimento de todos os sistemas filosóficos, distinguir em cada um deles, os melhores aspectos⁴⁴.

³⁹FERRARI citado por PINASSI, Maria Orlanda *Da Miséria Ideológica à Crise do Capital*, uma Reconciliação História. São Paulo: Boitempo, 2009, p. 118.

⁴⁰³⁹Para o IHP como modelo do IHGB, ver PINASSI, Maria Orlanda. *Da Miséria Ideológica à Crise do Capital*, uma Reconciliação História. São Paulo: Boitempo, 2009, p. 119.

⁴¹CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*, 6 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000, v.2, p.13.

⁴²Sobre a leitura de Hegel feita por Royer Collard, ver PAIM, Antonio. *História das Ideias Filosóficas no Brasil*. São Paulo: Grijalbo, 1967, p.77.

⁴³Ibidem, p. 88.

⁴⁴“Cousin parte da necessidade de empregar, na filosofia, os métodos da observação e da experimentação, segundo o espírito do século. Recusa, não obstante, as conclusões do sensualismo e, simultaneamente, a possibilidade de uma intuição direta do absoluto, afirmadas pela filosofia alemã. Quer uma observação interior que conduza ao estabelecimento de leis tão rigorosas como as formuladas pela física.” (...)44Ibidem, p. 78.

Assunto de reduzido interesse para os especialistas em filosofia, a trajetória do ecletismo atrai para si, em compensação, a curiosidade dos historiadores da cultura e da literatura. Fato que não chega a causar surpresa. De pouca valia teórica, as concepções ecléticas de Cousin - e seus seguidores – desempenham, cumpre reconhecer, uma função precisa: a de critério de “apaziguamento”⁴⁵ das divergências intelectuais entre as elites em condomínio de poder após a ascensão de Luiz Felipe. Quase um tratado de não agressão. Ou melhor, um protocolo de esvaziamento das tensões a opor tendências monarquistas e republicanas, em política; liberais e fisiocratas, em economia; ou ainda, nos ramos da estética, românticos e classicistas. A unidade celebrada sob o signo da acomodação se deve à necessidade, bastante evidente, de fazer frente a um conjunto de valores encadeados a partir das lutas e representações mentais de um proletariado ainda pouco organizado, mas já numeroso (sem esquecer dos setores burgueses radicais ainda ligados aos ideais jacobinos).

Como todo fenômeno de ideias em sociedades intensamente urbanizadas, o ecletismo reúne significados muitas vezes repletos de ambigüidade, com possibilidade de coexistência de multiplicidade de registros. Situá-lo na qualidade de lógica cultural de uma burguesia em processo de perda de energia revolucionária, ou de traição aos ideais impressos na Declaração dos Direitos do Homem, como faz Pinassi⁴⁶ contém elementos de validade. É certo. Todavia essa interpretação precisa sofrer a concorrência de outras percepções. Para além da tese da “traição”, o pacto conservador firmado em 1830 (cuja expressão ideal repousa no sistema de Cousin) consigna, igualmente, a renúncia e abandono de toda pretensão -por parte do aparato político e social anterior à revolução de 1789 - em favor de um retorno ao domínio absolutista. A partir daí, a extrema direita legitimista, deslocada do protagonismo, irá se avacalhar ao papel de espantalho a ser exibido, ou mesmo manipulado, pelo grande capital, nos momentos de crise de hegemonia política.

No Brasil, não por coincidência, a importação do ecletismo veio para injetar algum potencial reflexivo às práticas já largamente empregadas pelo patronato político local, relata Paulo Mercadante⁴⁷, em *A consciência Conservadora no Brasil*. Sob as bençãos da teoria dita mais avançada, tratava-se de evitar o confronto de idéias. Buscar, no limite, a concórdia capaz de produzir o acordo entre opiniões, por mais irreduzíveis que pudessem parecer. Alçada ao

⁴⁵PINASSI, Maria Orlanda. *Da Miséria Ideológica à Crise do Capital*, uma Reconciliação História. São Paulo: Boitempo, 2009, p. 114.

⁴⁶Ibidem, p.132.

⁴⁷MERCADANTE, Paulo. *A Consciência Conservadora no Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972, p. 50.

status de método, a conciliação exibiu o seu traço de continuidade entre o passado e o presente na vida pública brasileira, essa última marcada pela exclusão do povo das decisões quanto ao futuro do país. Ontem e hoje⁴⁸. Para salientar a propensão de nossas elites por soluções pelo alto, Mercadante recorda o episódio do chamado Regresso⁴⁹, em 1837, no qual, liberais arrependidos (liderados por Bernardo Pereira de Vasconcellos), ao serem chamados a compor o governo regencial, fazem adesão ao programa conservador, sem quaisquer reservas. Certamente não a primeira, porém a mais típica, de uma série de vitórias do conservadorismo brasileiro.

Ora, esse pendor pela conciliação, embora se mostrasse mais saliente na política, nem de longe se restringia a esta última. A cultura também mostrou - se fortemente afetada por tal prática e de maneira complexa. O expediente conciliatório permitiu, no caso do Brasil, a garantia da continuidade da dependência intelectual desta periferia aos centros europeus, sem a intermediação exercida, anteriormente, no estatuto colonial, por Lisboa. Em contrapartida, deflagrou o transplante da estética romântica, com seu anexo nacionalista, tornando a nossa literatura, da mesma maneira que outras linguagens artísticas, “expressão de sua própria realidade”⁵⁰ de acordo com a fórmula cunhada por Antonio Candido. Sumariada nos dois números da revista Niterói, sob o lema “Tudo para o Brasil e pelo Brasil”, essa aquisição de “sugestões externas” casada a uma “estetização de tendências locais”⁵¹, equivale a uma certidão de nascimento.

Segundo afirmou Antonio Paim, um historiador de tintas conservadoras – e portanto isento quanto a qualquer suspeita de progressismo – o ecletismo serviu de “bússola”⁵² para as elites brasileiras, por boa parte do século XIX. Conduziu-as por um caminho seguro de construção estatal, por onde, sem maiores atritos, o jovem país pode transitar em direção à consecução de dois objetivos: colocar em bons termos a distância entre igreja e Estado e afastar o absolutismo, implantando uma monarquia constitucional, ainda que sob caução do poder moderador. Para os arquitetos da ordem político-social tornada hegemônica a partir da terceira década do século XIX, quaisquer estruturas de pensamento extravagantes à bitola eclética

⁴⁸*Ibidem*, p.50.

⁴⁹Sobre o chamado Regresso, ver CALDEIRA, Jorge. *Mauá*, Empresário do Império. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 155.

⁵⁰CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*, 6 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000, v.2, p.11.

⁵¹*Ibidem*, p.14.

⁵³*Ibidem*, p.15.

⁵²PAIM, Antonio. *História das Ideias Filosóficas no Brasil*. São Paulo: Grijalbo, 1967, p.85.

seriam merecedoras de suspeita. Outras opções filosóficas, de resto recusadas⁵³ pelos detentores do poder, tais como o humanismo kantiano professado pelo Regente Feijó⁵⁴, rescendiam por demais às promessas de liberdade e igualdade individual presentes na obras dos autores iluministas. A agitação de seus conceitos poderia tornar visível o maior dos limites da obra civilizatória empreendida pelo pacto conservador: o compromisso com a ordem econômica escravocrata.

O leitor poderá considerar excessiva a minha ênfase na reconstituição das condições de migração, para o Brasil, da doutrina eclética, dada a característica do ambiente cultural—e estamos falando de quase duzentos anos atrás – bastante hostil à abstração filosófica. Terá alguma razão nisso. O debate historiográfico, por exemplo, fornece muito mais intuições dos contornos do pensamento social brasileiro no século XIX. Da mesma forma, as tentativas de aclimação do receituário liberal ao funcionamento da economia durante o Império, principalmente as empreendidas pelo Visconde de Cairu, talvez tenham deixado mais marcas mais profundas de sua passagem. Em suma, o peso da filosofia dentro da pauta de importação denominada por Paul Gerbot⁵⁵ por *culture savante*, talvez seja menor que o da história, da economia ou mesmo do direito.

Parece evidente, as questões dirigidas a si, pelo jovem país - acerca de sua própria identidade - não poderiam ser formuladas no âmbito da atividade estritamente especulativa, muito embora tivessem origem na problemática filosófica do *ser*, quais sejam: O que é o Brasil? O que são os brasileiros? Em que medida somos europeus, índios e negros? Buscar respostas a essas perguntas assumiu uma importância equivalente, no sentido da construção nacional, aos atos de organizar a administração pública, delimitar fronteiras e ocupar território. Tão decisivo quanto construir a nação em termos físicos, foi fixá-la no imaginário de seu povo. Inadequada para este objetivo, a filosofia cedeu espaço ao binômio historiografia/literatura. Criar o Brasil, passado e presente, se tornou empenho da crônica histórica, mas também da ficção.

“Fabricando” narrativas de grande durabilidade, os autores reunidos em instituições como o IHGB ditaram o tom e o ritmo dos processos de aquisição de identidade nacional entre os segmentos letrados da população.

⁵³*Ibidem*, p.110.

⁵⁴Sobre o humanismo kantiano do Regente Feijó, ver *Ibidem*, p.112.

⁵⁵GERBOD, Paul citado por WELING.Arno. *Estado, História, Memória: Varnhagen e a Construção da Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, P.48.

Mesmo preterida em favor da historiografia, foi enorme o papel da filosofia eclética, enquanto constelação de elementos teóricos. Isso até seus inimigos declarados - Silvio Romero à frente - o reconhecem⁵⁶. Trata-se de um elemento decisivo na arquitetura do conservadorismo à brasileira e influência da qual nenhuma dimensão da cultura letrada do Império conseguiu se furtar. E, que contribuiu, sem dúvida, para a modelagem do nacionalismo romântico brasileiro, bem como na elaboração de uma identidade nacional própria à ex-colônia, com toda pesada de carga de compromissos com o passado firmados então.

8- Conclusão

Pelo que se pode inferir, no processo de assimilação de linhagens conservadoras européias – à exceção da religiosidade popular católica - foram grandes as dificuldades de transplante das instituições de Portugal para o Brasil. Especialmente após a autonomia de 1822. Mas, também se viu diante de problemas a importação de formas de consciência como a cultura parlamentar inglesa e a filosofia eclética francesa. Isso apenas para ficar em alguns exemplos. Diante de tais circunstâncias, portanto, ganha corpo uma hipótese: a de que a hegemonia conservadora no plano ideológico, em solo brasileiro, talvez tenha origem no seu caráter tipicamente nacional. Por esse ponto de vista, então, se veria relativizado o peso da fidelidade às matrizes externas (essas últimas influentes, sem dúvida), embora não determinantes no processo de adaptação deste ideário às condições do Novo Mundo.

REFERÊNCIAS

BURKE, Edmund. *Reflexões sobre a Revolução Francesa*. 1 ed. tradução de Renato Asumpção Faria, Denis de Souza Pinto e Carmem Lidia Richter Ribeiro Moura. Brasília: Universidade de Brasília, 1982.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. 3 ed. São Paulo: Martin Claret, 2011.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*, 6 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000, v.2.

CALDEIRA, Jorge. *Mauá, Empresário do Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

EAGLETON, Terry. *A Ideologia da Estética*, tradução de Mauro Sá Rego Costa, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

⁵⁶A respeito da postura de Silvio Romero com relação ao ecletismo, ver *Ibidem*, p.125.

FAORO, Raymundo. *Os Donos do Poder, Formação do Patronato Político Brasileiro*. 3 edição. Rio de Janeiro: Globo, 2001.

FERRARI citado por PINASSI, Maria Orlanda *Da Miséria Ideológica à Crise do Capital, uma Reconciliação História*. São Paulo: Boitempo, 2009.

GERBOD, Paul citado por WELING, Arno. *Estado, História, Memória: Varnhagen e a Construção da Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GRUPPI, Luciano. *Tudo Começou com Maquiavel*. Tradução de Dario Canale. Porto Alegre: LPM, 1983.

KIRK, Russel, *Edmund Burke, Redescobrimo um Gênio*. 1 ed. Tradução Marcia Xavier Brito. São Paulo: É Realizações, 2016.

LYNCH, Christian Edward Cyril. *O Caleidoscópio Conservador: A Presença de Edmund Burke no Brasil*. In: KIRK, Russel, *Edmund Burke, Redescobrimo um Gênio*. 1 ed. Tradução Marcia Xavier Brito. São Paulo: É Realizações, 2016.

MACAULAY, Thomas citado por MERCADANTE, Paulo. *A Consciência Conservadora no Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

MERCADANTE, Paulo. *A Consciência Conservadora no Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

PAIM, Antonio. *História das Ideias Filosóficas no Brasil*. São Paulo: Grijalbo, 1967.

PINASSI, Maria Orlanda. *Da Miséria Ideológica à Crise do Capital, uma Reconciliação História*. São Paulo: Boitempo, 2009.

RAMIRO JUNIOR, Luis Carlos. O que há de Tory no Conservadorismo Brasileiro do Século XIX? Em Busca de um Paralelo entre Conservadorismo Tory Inglês e a Atuação do Partido Conservador no Brasil. *Revista Ciência Política* <WWW.cienciapolitica.org.br/system/files/documentos/eventos/2017/04> Acesso em 17 ago 2017.

SARAIVA, Antonio José; LOPES, Oscar. *História da Literatura Portuguesa*. 17 ed. Porto: Porto Editora, 2006.

STALIN, J.V.. *Sobre o Materialismo Dialético e Materialismo Histórico* <WWW.marxists.org/português/stalin/1939/09/mat-dia-hist.htm>. Acesso em 17 ago 2017.

SAES, Laurent de. Joseph de Maistre e Suas Considerações sobre a França Revolucionária, *Revista Territórios e Fronteiras*, n. 1. <WWW.ppghis.com/territorios@fronteiras/index.php/v03n02/article/wiewfile/111>. Acesso em 16 ago 2017.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Formação Histórica do Brasil*. 14 ed. Rio de Janeiro: Graphia, 2004.

TOQUEVILLE, Alexis de Toqueville, *O Antigo Regime e a Revolução*. 2 ed. Tradução de Ivonne Jean. Brasília: Universidade de Brasília, 1979.

WELING. Arno. *Estado, História, Memória: Varnhagen e a Construção da Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.